

APRESENTAÇÃO PRESENCIAL - II - PSICOLOGIA E QUESTÕES SOCIAIS

**SER OU PARECER MULHER: O PRIMEIRO DOS ATRAVESSAMENTOS? UM
OLHAR FENOMENOLÓGICO DECOLONIAL**

Virgínia Machado De Andrade (andradevi@hotmail.com)

Viviane Melo De Mendonça (viviane@ufscar.br)

Vinícius Ferreira Dos Santos (viniciusfsantos07@gmail.com)

O artigo visa lançar um olhar fenomenológico decolonial sobre a misoginia, entendida como o ódio direcionado a corpos e comportamentos performados como femininos. Pergunta-se: como a misoginia se constitui histórica e existencialmente como um atravessamento estruturante dos modos de ser e aparecer mulher no mundo? Trata-se de uma pesquisa teórico-ensaística desenvolvida por meio de revisão bibliográfica, cujo gesto analítico consiste em articular diferentes matrizes teóricas para compreender a produção, incorporação e reprodução da misoginia. Investigam-se suas origens e formas de perpetuação por meio de atravessamentos linguísticos, políticos e corporais. O ponto de partida é a análise de Silvia Federici em *Calibã e a Bruxa*, que demonstra que a opressão de gênero é central na transição para o capitalismo, transformando a mulher em máquina de reprodução. Essa violência é articulada ao conceito de violência instrumental de Hannah Arendt, permitindo

compreender sua naturalização nas estruturas sociais. Pela fenomenologia de Maurice Merleau-Ponty descreve-se como essa estrutura é incorporada no corpo habitual, transformando o corpo-sujeito em um objeto marcado por restrição e autovigilância, evidenciando que a misoginia se inscreve no corpo vivido. Essa captura é reforçada pela dimensão linguística de Judith Butler, onde o discurso de ódio atua performativamente, instituindo a subordinação pela repetição de normas que fixam o feminino em uma ontologia de inferioridade. Complementarmente, Bell Hooks revela como essa misoginia é uma ideologia de dominação incorporada, que se manifesta de forma interseccional no patriarcado de supremacia branca, conforme descrito por Vladimir Safatle, tal cenário é mantido por uma racionalidade cínica, onde a falência da crítica permite que a opressão seja reconhecida, mas mantida sob uma indiferença irônica. A perspectiva decolonial atua como chave de leitura evidenciando a inseparabilidade entre misoginia e colonialidade do poder e do saber. Como horizonte crítico, mobiliza-se Exu contra Dionísio, de Alexandre Marques Cabral, propondo, pela figura da Pombagira, a subversão do ideal de parecer mulher ditado pela colonialidade. Conclui-se que a misoginia pode ser compreendida como um dos atravessamentos fundamentais dos modos de ser e parecer mulher, exigindo sua denúncia e a ruptura com o logocentrismo ocidental, afirmando o corpo como potência de resistência frente ao cerceamento histórico da modernidade capitalista.

Palavras-chave: misoginia; fenomenologia; decolonialidade; corpo; performatividade.